



Sobre navegar na contracorrente: a contação de histórias como possibilidade narrativa

Amanda Cristina Costa dos Santos: Instituto de Psicologia (UFRGS); e-mail: amandaccostasantos@gmail.com

Liana Netto Dolc: Instituto de Psicologia (UFRGS)

Thais Gomes de Oliveira: Instituto de Psicologia (UFRGS)

Acadêmico de Psicologia: Gabriel Benoni Godinho Paz

Apresentação

“Os quatro, pouquinho a pouquinho, começaram a entender que aquela casa era mesmo mágica: ali, gata podia falar, cachorro podia ler livro e coelho podia sair de dentro de um chapéu de bruxa ao invés de uma cartola. Resolveram, então, aproveitar a festa: a fantasia não era só a roupa, afinal”. (Coletivo Contantes, 2021)

Contar histórias é ferramenta de atualização da memória. Por meio da oralidade acontece a transmissão da história de sujeitos e de povos inteiros, o que nos possibilita – a cada vez – a reinvenção.

Ainda que a narrativa fale de um tempo passado, sempre a contamos no presente: nesse ato reproduzimos violências de nossa época ou abrimos espaços a outros modos de ser e estar nela. Nesse cenário, se insere o coletivo Contantes, um

projeto de extensão universitária que atua desde 2019 na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP)¹ e que se propõe à contação de histórias para crianças. As intervenções acontecem mensalmente nas *Oficinas do Brincar*², espaço composto por crianças com idades entre quatro e treze anos e pelasicineiras que o conduzem.

O ano de 2020 é marcado pelo imperativo do isolamento social, que intensifica a convivência on-line para aqueles que têm condições de acesso a aparelhos eletrônicos e à internet. Desse modo, nosso trabalho também passou por modificações que ampliaram nossas formas de contar histórias. Pela plataforma Google Meet, encontramos nas manhãs das sextas-feiras com crianças de diferentes lugares da cidade. Nesses encontros são propostas intervenções lúdicas e inventivas que possibilitam a convivência e a ampliação narrativa por meio das histórias e do brincar.

Entre as especificidades do coletivo está a intenção de ofertar histórias de literatura infantil com perspectivas contra-hegemônicas de raça, gênero e classe. Diante do cenário de retirada de direitos, aprisionamento de singularidades e inibição das diferenças, que tem se agravado nos últimos anos no Brasil, a oferta de narrativas infantis que busquem alternativas contra-hegemônicas ampliam as possibilidades de autonomia das crianças que as escutam. Nossa aposta gira em torno das crianças se apropriarem das ferramentas que oferecemos para que possam construir outras formas de ser e estar no mundo. Além disso, a dimensão lúdica da contação de histórias dá espaço para que as crianças sejam participantes do processo de narrar. Esse movimento de abertura colabora para que elas se

apropriem das narrativas emancipatórias³: elas não são receptoras passivas de uma história, mas são parte da construção dessas outras formas possíveis de ser.

O trecho que inicia este escrito, que se propõe a apresentar nosso trabalho e falar das particularidades que despontaram em tempos de pandemia, é parte de uma história construída junto às crianças em uma de nossas intervenções. No decorrer do texto buscaremos apresentar o trabalho que o projeto desenvolve e, para tanto, convidamos as/os leitoras/es a caminhar em um campo lúdico e de contação de histórias. O próximo capítulo, por isso, é uma história que nos apresenta como autoras e autor.

Relato de experiência

Num lugar e num tempo não tão distantes daqui, três mulheres se encontraram. Uma delas gostava de escrever e de se perguntar por que e como a gente faz isso; outra se interessava por aquilo que os filmes tinham a dizer e outra queria escutar sobre o cuidado e o que isso tem a ver com as mulheres. Em meio a esses e a vários outros saberes que cada uma delas carregava, acharam um comum: as três eram psicólogas. E mais: as três tinham gosto pela psicanálise. Encontraram-se num espaço em que trabalhavam escutando o que aqueles que chegavam tinham a dizer. Não demorou até que se aproximassem e descobrissem que não só gostavam de escutar histórias, mas também gostavam de contá-las! E pensaram: “como podemos contar histórias juntas? Quais histórias? Para quem? Por quê?”

Dali um tempo, souberam que tinha um trabalho a ser continuado: parte delas trabalhava nas Oficinas do Brincar, que aconteciam naquele mesmo espaço que todas as três frequentavam. Era ali que contariam histórias. No início, outras pessoas as acompanharam: pessoas que também

1. Clínica-escola vinculada ao Instituto de Psicologia que oferece atendimento psicológico e oficinas terapêuticas à comunidade de Porto Alegre e região metropolitana.

2. Oficinas terapêuticas que têm a proposta do livre brincar como intervenção lúdica, composta por equipe de estagiárias/os de Psicologia, extensionistas e psicólogas/os supervisoras/es.

3. Aqui, ancoramos a relação entre perspectivas contra-hegemônicas de contação de histórias e formas autorais e autônomas de contar a experiência de nós mesmas e de cada criança com quem interagimos. O que acontece na inspiração de bell hooks (2019), que situa as práticas emancipatórias no campo da educação engajada.

tinham vontade de compartilhar com as crianças as narrativas que sabiam e aquelas que iam inventar. Um ficou alguns meses ajudando a reconstruir a história de uma menina que usava laços de fita e de um coelho curioso; outra, se alongou um ano e deu roupa e corpo a muitos personagens.



Figura 1 - Print de uma das reuniões de equipe do coletivo. Na imagem, as três contadoras seguram materiais utilizados nas intervenções.

Fonte: Coletivo Contantes

Ao longo do tempo, foram a princesa Soninha e a “dragoa” que, pela amizade, inventaram saídas que não a do amor cortês; foram a vizinhança toda que presenciou a história do Barba Azul e, com isso, perceberam a potência da transmissão de uma narrativa e da construção de redes; foram a voz que narrava um poema sobre como nada na vida me assusta⁴. Fizeram essa oferta às crianças, que devolveram a elas uma festa inteira e trechos de suas próprias histórias. Também as três mulheres, instigadas por aquilo que escutavam daquelas crianças, inventaram uma história que tinha até cometa falante e um menino que, da janela, via o mundo, e, no último ano, fizeram tudo isso sem sair de casa.

Os encontros com as crianças não aconteciam mais entre as paredes de um auditório, mas nas telas. As três mulheres precisaram de mais palavras. Reinventaram-se: criaram vozes que nem podiam imaginar que tinham, descobriram que os sons que saíam da boca delas podiam ser uma porta se abrindo ou um cachorro latindo. As histórias convidavam a imaginar. As Contantes – é assim que se chamam as mulheres que decidiram contar história – foram aprendendo com as crianças que, às vezes, nem se precisa das perucas, dos cenários e dos fantoches: a palavra dá espaço a muitas brincadeiras.

Conforme foram aprendendo a contar por meio das telas, chegou um novo contante: com sua imaginação, ele transformou histórias em rimas e pôde até cantarolar. O fio que se tece pelo encontro – das Contantes e das crianças – é com o que mais contamos, desde o início até hoje. Não é à toa que o nome desse grupo lembra a palavra constância.

Por entre histórias e saberes

Dentre as especificidades do coletivo Contantes, outra delas é a composição de nossa equipe: somos profissionais que, em meio a outros saberes, encontram um comum no trabalho com a psicanálise. Intencionamos, com as leituras que fazemos de autores tomados como clássicos e de autores que ofertam uma perspectiva contra-hegemônica das infâncias e da teoria psicanalítica, produzir sentidos que deem base ao trabalho que estamos construindo.

Em psicanálise costuma-se ouvir que, sobretudo no trabalho com crianças, “temos de emprestar o corpo”. O início do trabalho do Coletivo Contantes, em 2019, foi marcado por essa concessão por parte das contadoras: interagíamos com uma série de objetos, ao contar uma história, construíamos cenários para levar até a CAP, vestíamos fantasias cuidadosamente costuradas. A experiência on-line junto às crianças, entretanto, reiterou, como bem diz a narrativa que inicia este escrito, que *fantasia não é só a roupa, afinal*. Contar histórias de modo remoto se associa à dimensão da construção da fantasia pelas palavras. Em 2019 chegávamos à CAP cheias de material: tantos objetos que mal conseguíamos carregá-los sozinhas. Quando nos propomos a contar histórias virtualmente, ocorrem-nos a pergunta: *como?*

Judith Butler (2005, p. 85) nos diz que “ninguém sobrevive para contar a própria história sem antes

4. ANGELOU, Maya. A vida não me assusta. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018 [1993].



Figura 2 - A imagem é composta de uma sobreposição de livros infantis, nacionais e internacionais

Fonte: Amanda Costa dos Santos, integrante do Coletivo Contantes

ser iniciado na linguagem quando é convocado”. Nesse sentido, pensamos a oferta de narrativas como um meio de inserção no mundo discursivo das histórias, a partir do qual o sujeito pode narrar-se. A criança que escuta a história é ativa no seu processo. Quando uma narrativa é contada, abrimos espaço para a ampliação da rede semântica do sujeito que a escuta, para que a criança, por meio da brincadeira e da palavra, interaja com ela. Juntas, brincadeira e palavra, em um ato criativo, transformam as histórias ofertadas e, assim, compõem o fazer do coletivo.

Nesse movimento de criação, a criança, ao nomear, coloca em cena o seu desejo e enuncia-se como sujeito. Freud (2018 [1908]) nos diz que, em alguma medida, toda criança que se põe a brincar cria novos mundos. Sabendo que a linguagem preservou a relação entre o brincar da criança e a criação poética/literária, pensamos nosso trabalho como um elo entre esses dois lugares subjetivos, elo, esse, que se dá pela imaginação. Lacan (1986 [1953-54]) vai nos situar diante da função criativa da palavra quando enuncia que, no momento no qual a usamos, estamos sempre lidando com o seu significado no conjunto metafórico de seu emprego. Quando, na

história, falamos sobre um menino que vê uma borboleta e sai dos muros do castelo ao seguir o voo dela, ou da casa feita de doces de uma bruxa traiçoeira, estamos operando na lógica de que “toda espécie de emprego, em certo sentido, é sempre metafórica” (p. 270). Nesse texto, Lacan pontua que a função da linguagem é a de criar símbolos e, em alguma medida, novas possibilidades de desejar e de fantasiar.

O encontro entre literatura infantil, perspectivas antirracistas e feministas e psicanálise tem nos possibilitado as mais diversas invenções: a intersecção entre elas nos convida a reescrever algumas das histórias que escolhemos contar. Essas intervenções nos textos estão alicerçadas em posições políticas que revelam nosso cunho antifascista. Assim, por meio de personagens que navegam a contracorrente da produção discursiva normativa e hegemônica, convidamos – nós mesmas, as pessoas adultas que nos escutam e as crianças que escutam e que contam suas experiências – a um habitar de territórios novos, que propõem novas identificações e novos relatos de si.

“O que vocês mudam nas histórias?": metodologia

Certa vez, em uma contação na qual propomos uma reedição do clássico Barba Azul, uma criança nos perguntou o que mudávamos nas histórias que contamos. Essa é uma questão chave que nos trouxe ao coletivo Contantes, que desvela para onde apontamos como direção de trabalho e também como o fazemos. Concordando que contar histórias nunca se faz um ato inocente (OLIVEIRA; ROCHA, 2016), situamos a contação como um dispositivo híbrido que pode servir a um projeto societário narrado a múltiplas vozes e corpos.

A principal estratégia que temos utilizado é a ampliação de sentidos que podemos alcançar

por meio das reedições de histórias infantis, multiplicando e diversificando as problemáticas presentes. Desse modo, tendo como premissa que a literatura infantil é marcada por epistemologias hegemônicas – como todo outro campo de saber que é atravessado por lógicas ocidentalizadas e coloniais, atravessadas pelo patriarcado capitalista de supremacia branca (hooks, 2019) – apostamos na multiculturalidade (OLIVEIRA; ROCHA, 2016) enquanto forma de criar mais maneiras de contar o mundo.

Renato Nogueira (2019) considera que, para encantar novamente um mundo em crise, faz-se necessário restabelecer radicalmente a infância em todos os seres, incluindo as pessoas adultas. Em uma de suas pesquisas encontra o termo “adultidade” para narrar um modo de vida que aniquila o mistério da vida como algo inescapável, presente; assim, convida a uma política brincante, defendendo que ela advém da infância. Essas pistas são cruciais para nossa base metodológica que busca uma intervenção lúdica: propomos intervenções em questões que envolvem diferentes políticas de exclusão, pela brincadeira e pela reescrita das narrativas que ofertamos. Contamos, portanto, histórias situadas desde uma perspectiva plural, que evidenciem a coexistência das mais diversas formas de estar no mundo para além daquelas que encontramos em, por exemplo, contos de fadas clássicos.

Nossa metodologia inclui recontar e construir coletivamente histórias que queremos escutar. Nós nos mantemos advertidas de que as formas brincantes de habitar esse território em disputa – essas que buscam produzir disrupções em narrativas hegemônicas de existência – não garantem a ausência de conflitos. Dispostas a criar, a inventar e a brincar, apostamos que “frequentamos a infância” nessa política brincante (NOGUEIRA, 2019, p, 140), de forma que ela nos ajuda a conviver com os conflitos com generosidade.

Assim, escutamos as crianças, escutamos nossas infâncias e interagimos pelo ato político de contar. A seguir colocamos uma ilustração de uma história criada pelas Contantes e pelas crianças, desenhada por uma dasicineiras, durante uma intervenção.



Figura 3 – Ilustração que mostra a personagem Maria Danila tanto em forma humana quanto em forma felina ao lado de uma fogueira e da casa em que mora.

Arte: Ilustração feita por Deise Nunes Fagundes, graduanda de Serviço Social eicineira nas *Oficinas do Brincar*, durante uma das contações (abril/2021)

Considerações finais

No decorrer das contações, a equipe envolvida no trabalho com as crianças percebe os efeitos da intervenção que envolve o subjetivo de cada criança na grupalidade feita on-line. Muitas das histórias que levamos e que construímos juntamente a elas envolvem temas que as colocam – em seus desafios – frente ao mundo. Como ferramenta, a contação de histórias possibilita, dentre muito, um desdobramento narrativo; uma aproximação com a literatura infantil; uma expansão de como cada criança encontra formas de contar e de *se contar*. Aqui, de acordo com Bell Hooks (2019), lembramos que a língua se recusa a estar dentro das fronteiras, e cruzamos as fronteiras da imaginação e da fantasia com as crianças, por meio da ludicidade em cada uma de

nós. Em tempos em que o distanciamento social é um imperativo de proteção, colocamos em ato a aproximação entre crianças que têm vivido um afastamento físico de seus outros pares-crianças, compondo uma proposição afetiva e de convivência.

É por meio da brincadeira e de histórias que possam destoar de lógicas normativas, em um processo que é tanto clínico quanto educativo, que produzimos com as crianças uma liberdade para a autoria de histórias que elas mesmas queiram escutar. Criar e contar histórias é poder abrir espaço subjetivo para outros mundos possíveis. Compreendemos este não sabido de antemão como potencialidade para abrir novos caminhos. Buscamos encontrar, com as crianças, autonomia narrativa, ampliação de sistemas-mundo, brincadeira, leitura e outros acessos à educação, à cultura e também à saúde mental. O encontro entre pares-crianças para escutar e reinventar narrativas promove uma experiência cidadã na medida em que se ensaia a partilha de espaços e de um comum e abre a possibilidade de um reposicionamento frente ao discurso hegemônico vigente. Fanny Abramovich (2001) remonta

as possibilidades das histórias como parte desses encontros quando nos diz que

As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 2001, p. 23).

Rima, poesia, história, príncipes que são sensíveis, dragões que defendem suas amigas, crianças-personagens que pedem ajuda aos vizinhos quando percebem que os pais se desentendem, crianças-personagens assustadas à noite quando é escuro ou com outras angústias em tramitação, a quem Emicida (2020) lembra que o medo “só vira problema, se ao contrário de um poema, em vez de nos fazer voar, nos prende com algemas”. ◀

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2001

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. Original em 2003.

EMICIDA. **E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas**. Ilustrações: Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2020.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 53-66. Original em 1908.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. WMF Martins Fontes, 2019. Original em 1994.

LACAN, Jacques (1986). **O Seminário: livro 1**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Original em 1953-1954.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, pp. 127-142, 2019. Disponível em : <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>>. Acesso em: 16 abril 2021. <https://doi.org/10.14295/momento.v28i1.8806>.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; ROCHA, Késia dos Anjos. Sobre cafundós, confins e fronteiras: contações de histórias sobre diversidade sexual. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 94-104, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822016000100094&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 maio 2021. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p094>.